

CULT
DE CULTURA

POP!

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

CADERNO DE RESUMOS



A FORÇA ESTÁ COM QUEM? REPRESENTATIVIDADE E QUESTÕES DA INFÂNCIA EM STAR WARS

Cintia C. Maciel Neves⁹⁷
Ruben Marcelino Bento da Silva⁹⁸

Introdução

Este trabalho busca destacar e discutir pedagogicamente a representatividade dada às personagens femininas presentes na nova trilogia *Star Wars*. Nessa leva recente de filmes da franquia — *O Despertar da Força* (2015); *Os Últimos Jedi* (2017); *A Ascensão Skywalker* (2019) —, deu-se espaço e protagonismo a uma heroína, a saber, a personagem Rey. Todavia, simultaneamente, o tempo de fala de uma personagem que não foi bem aceita pelo público, Rose, a qual apareceu nos filmes de 2017 e 2019, foi retirado. De acordo com Carvalho e Gonçalves (2017, p. 144), desconsiderando as falas da Princesa Leia nos episódios IV, V e VI, restam apenas 63 segundos para outras personagens femininas nos 388 minutos de duração dos filmes.

Objetivo

O objetivo deste artigo é entender e problematizar as participações femininas na franquia *Star Wars*, as quais, na maior parte das vezes, aparecem como menos importantes em relação às figuras masculinas que compõem a saga. O que o estudo propõe é uma análise de conteúdos do referido universo cinematográfico a fim de questionar se, em termos culturais e diacrônicos mais amplos, realmente vem oferecendo às mulheres como um todo um encorajamento para assumirem um lugar de protagonismo no tecido social ou se vem repercutindo apenas num nicho de fãs, tocado existencialmente pela riqueza simbólica disseminada nas tramas dos filmes.

Metodologia

O recorte metodológico deste estudo foi estabelecido nos filmes de 2015, 2017 e 2019, os quais foram lançados sob uma perspectiva aparente de empoderamento feminino. Note-se também que as últimas produções vêm capturando largamente o interesse do público infantil. Diante disso, tomando como pressuposto pedagógico a percepção da infância como etapa basilar de consolidação social e psíquica da personalidade individual, indaga-se que qualidade de mensagem se transmite quando filmes com a notoriedade de *Star Wars* estreiam

⁹⁷ Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade La Salle (Canoas, RS). E-mail: cintianmaciel@gmail.com.

⁹⁸ Mestre e Doutor em Teologia pela Faculdades EST (São Leopoldo, RS). Licenciado em Letras pela Universidade Estácio de Sá (Rio de Janeiro, RJ). Docente do Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdades EST (São Leopoldo, RS). E-mail: rubenmbs40@gmail.com.



nos cinemas, mas, ao contrário daquilo que é alardeado por certas mídias, trazem consigo uma desqualificação das personagens femininas que integram as tramas.

Para análise das produções cinematográficas, fez-se uma pesquisa de cunho bibliográfico com vistas à composição de referencial teórico para a argumentação crítica sobre os conteúdos e sua recepção. Entre as obras selecionadas, contam-se os estudos de Caldas-Coulthard e Van Leeuwen (2004), Carvalho e Gonçalves (2017), Freire (2000), Gubernikoff (2009) e Rodrigues (2019).

Resultados e conclusões

O modelo de enredo em que as mulheres não têm voz e permanecem à espera de uma salvação, sempre vinda de um herói, manteve-se bem durante certo tempo e fez muito sucesso, inclusive entre o público feminino. Entretanto *Star Wars* sempre teve a capacidade de ir além, mantendo-se à frente de seu tempo desde o princípio. Por que então insistir em submeter personagens femininas a semelhante estereótipo narrativo? Podem-se justificar essas representações construídas nos anos 1970 e 1980 como algo que era esperado pelo público. Mulheres salvando a si mesmas sem a ajuda de um homem ou até mesmo falando mais que um homem, tendo e verbalizando suas próprias opiniões, supostamente não seria algo apreciado pelos consumidores.

A Lucasfilm, empresa responsável pelo universo cinematográfico de *Star Wars*, era dirigida pelo criador dos filmes, George Lucas e todas as criações passavam por ele. Talvez por isso as representações femininas não fossem tão bem colocadas até esse momento. Todavia, em 2012, a empresa foi vendida para a Disney e passou a ser comandada por duas mulheres: Kathleen Kennedy e Lynwen Brennan (DISNEY, 2012; GIARDINA, 2015). Até os filmes de 2005, mulheres como Leia e Padmé possuíam força e autonomia de certo modo, mas ainda assim ocupavam lugares impostos pelo patriarcado.

A grande transformação deu-se, de fato, em 2015, já num contexto sociocultural marcado por críticas importantes a produções que mantinham mulheres como personagens secundárias, incapazes de decidirem por si mesmas. Cabe destacar também que, nas décadas de 1970 e 1980, os livros da saga provinham exclusivamente da atividade artística masculina. A partir da década de 1990, mulheres começaram a integrar ativamente o cenário de criação (RODRIGUES, 2019, p. 35). Logo, tanto na produção quanto na atuação, pode-se dizer que a participação feminina cresceu através do tempo e esse crescimento fortaleceu a relação das fãs com aquele universo ficcional, visto que seus conteúdos vêm oportunizando o empoderamento de mulheres ao redor do mundo.

Inegavelmente, existe uma grande parte do público que considera o protagonismo de Rey, Rose e Finn uma espécie de “privilegio”, baseando-se na premissa de que todos nós vivemos em sociedade de forma igual. Portanto, colocar personagens femininas ou de outra etnia em destaque supostamente seria privilegiá-las. Contudo, quanto à dimensão da alteridade, a observação de Cruz (2017, p. 97) é bastante pertinente: “Boa parte da problemática de se abrir para o Outro e olhá-lo de forma igual está na necessidade de,



primeiramente, reconhecê-lo como tal — diferente, mas equivalente — ou ao menos reconhecê-lo como alguém que tem algo a dizer [...]”.

Com esse entendimento, podemos abrir a discussão acerca da importância da representatividade em prol do delineamento de aspectos formativos indispensáveis para a constituição da comunidade humana na contemporaneidade: identidade individual e grupal, pluralidade, ação democrática e convivência cidadã.

Este estudo dirige o olhar para os espaços escolares, porém a temática em pauta atravessa todos os âmbitos da sociedade. Quando se tira a fala de uma personagem por meio de ataques via internet, quando não se fazem bonecos de um herói negro ou quando se nega a importância de uma personalidade como a Rey, anula-se o significado existencial e sociocultural que essas representações fazem reverberar em e a partir de grande parcela da população que consome as variadas produções vinculadas à famosa cinessérie.

Durante a realização da análise dos filmes e suas proposições, percebeu-se que até mesmo grandes trabalhos artísticos podem sofrer pressões externas e mudar os rumos para os quais originalmente se encaminhavam. Nesses últimos longas-metragens, esperava-se maior participação das mulheres, uma vez que *Star Wars*, como George Lucas afirma desde os anos 70, tende a estar à frente de seu tempo.

A educação é essencial para produzir a crítica sobre temas como representação, construção de identidades e preconceito. Quando se resgatam as memórias da infância, vêm à mente, sem dúvida, filmes e desenhos que acompanharam aquela fase. Apesar de nem todas as pessoas hoje terem crescido assistindo às histórias que se passaram “há muito tempo, numa galáxia muito distante”, os elementos visuais de *Star Wars* podem ser amplamente reconhecidos, haja vista que vêm sendo difundidos por todo o planeta faz décadas. Narrativas como essas contribuem para que a menina e o menino não somente criem mundos e narrativas fantásticas em sua imaginação mas também solidifiquem impressões sobre si próprios, o outro, o mundo, a vida. Assim, considerando seu potencial lúdico (logo formativo), urge que se abra a discussão acerca do que a cultura pop tem levado às crianças. Dessa forma, os pontos aqui abordados propõem uma discussão importante e necessária, que poderá gerar outros estudos e intervenções pedagógicas no futuro.

Palavras-chave: Cinema; *Star Wars*; Representações femininas; Pedagogia.

Referências:

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; VAN LEEUWEN, Theo. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, p. 11-33, 2004. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/289/303>. Acesso em: 29 ago. 2020.



CARVALHO, Letícia; GONÇALVES, Emerson Campos. Cinema e publicidade na era pós-moderna: representação da mulher no universo convergente da franquia Star Wars. **Sala 206**, Vitória, n. 6, p. 143-173, jul. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/sala206/article/view/17312>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

CRUZ, Felipe Sotto Maior. Indígenas Antropólogos e o Espetáculo da Alteridade. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, DF, v. 11, n. 2, p. 93-108, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/15949>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

DISNEY compra a Lucasfilm por US\$ 4 bilhões; “Star Wars 7” será lançado em 2015. **UOL**, 30 out. 2012. Entretê: filmes e séries. Disponível em: <<https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2012/10/30/disney-compra-a-lucas-films-de-george-lucas-por-us-4-bilhoes.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2000.

GIARDINA, Carolyn. Lucasfilm promotes Lynwen Brennan to general manager. **The Hollywood Reporter**, 13 feb. 2015. Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/news/lucasfilm-promotes-lynwen-brennan-general-773257>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

GUBERNIKOFF, Giselle. A imagem: representação da mulher no cinema. **Conexão - Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, p. 65-77, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/113/104>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

RODRIGUES, Sheila. A força está com elas: as mulheres no universo narrativo transmidiático de *Star Wars* e o empoderamento feminino. **Revista Iberoamericana de Sistemas, Cibernética e Informática**, Winter Garden, FL, v. 16, n. 1, p. 35-40, 2019. Disponível em: <<http://www.iiisci.org/Journal/riSCI/Contents.asp?var=&Previous=ISS1601>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

STAR WARS: O Despertar da Força. Direção: J. J. Abrams. Produção: J. J. Abrams, Kathleen Kennedy, Bryan Burk. Intérpretes: Carrie Fisher, Harrison Ford, Mark Hammil, Daisy Ridley, Adam Driver e outros. Roteiro: J. J. Abrams, Michael Arndt, Lawrence Kasdan. Música: John Williams. Burbank, CA: Buena Vista Home Entertainment, 2015. 1 DVD (135 min), son., color.



STAR WARS: Os Últimos Jedi. Direção: Rian Johnson. Produção: Kathleen Kennedy e Ram Bergman. Intérpretes: Mark Hamill, Carrie Fisher, Adam Driver, Daisy Ridley, John Boyega, Kelly Marie Tran e outros. Roteiro: Rian Johnson. Música: John Williams. Burbank, CA: Buena Vista Home Entertainment, 2017. 1 DVD (152 min), son., color.